



A PERMANÊNCIA E O ÊXITO DOS ALUNOS DO CURSO TÉCNICO EM AGROECOLOGIA NA ALDEIA URUBU BRANCO, IFMT - CAMPUS CONFRESA/PRONATEC

Paulo Cesar Laurindo Silva¹
Emerson de Oliveira Figueiredo²

INTRODUÇÃO

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso - IFMT, Campus Confresa, iniciou suas atividades no primeiro semestre de 2010. Desde então, formou diversos estudantes em várias áreas, modalidades (como integrado, subsequente, Formação Inicial e Continuada, bacharelado e licenciatura) e níveis de ensino (fundamental, médio, superior e pós-graduação lato sensu).

Embora os cursos oferecidos pelo Campus tenham uma alta taxa de evasão de estudantes, o Campus tem promovido iniciativas bem-sucedidas. Um exemplo notável foi o curso Técnico em Agroecologia, na modalidade subsequente, fruto da parceria entre o IFMT Campus Confresa, o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), a Secretaria de Estado de Educação (SEDUC) de Mato Grosso, a Secretaria Municipal de Educação de Confresa, o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e a Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa. O Curso foi idealizado para atender as demandas da comunidade Indígena Apyãwa, localizada na aldeia Tapi'itãwa, conhecida como Aldeia Urubu Branco, realizado na referida comunidade e utilizando a metodologia da pedagogia da alternância.

De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) Técnico em Agroecologia, a concepção do curso veio como uma resposta à necessidade de reverter a situação enfrentada pelo povo Apyãwa, também conhecido como Tapirapés. O território tradicional dos Apyãwa tem como referência a serra do Urubu Branco, localizada na Terra Indígena Urubu Branco. Além disso, o curso visava proporcionar conhecimentos para promoção da sustentabilidade alimentar dos Apyãwa, bem como à recuperação de suas terras degradadas. Valorizando e

¹ Doutorando do Curso de Doutorado em Educação da Universidade Federal de Goiás - UFG, paulo.laurindo@ifmt.edu.br;

² Professor de Química do IFMT – Campus Confresa - MT, emerson.figueiredo@ifmt.edu.br;



ressignificando o conhecimento alimentar tradicional desse povo, enfatizando a importância de oferecer suporte técnico e educacional para promover o bem-estar e a autonomia dessa comunidade (IFMT, 2013).

Este estudo teve como objetivo analisar a oferta do curso Técnico em Agroecologia, considerado um caso de sucesso, e refletir sobre os desafios da evasão escolar, propondo estratégias para mitigar esse fenômeno nos cursos oferecidos pelo Campus.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa e dialética, conforme os preceitos metodológicos de Gil (2002). A primeira etapa da pesquisa envolveu a análise do PPC do curso, examinando sua estrutura, objetivos, conteúdos curriculares, metodologias de ensino e avaliação, e como estes estão alinhados com a pedagogia da Alternância. Além disso, o curso foi acompanhado pessoalmente durante sua execução, por meio de visitas na Aldeia Urubu Branco, para observar como as aulas e atividades práticas estavam sendo conduzidas, como se dava a interação entre professores e alunos, a aplicação prática dos conhecimentos teóricos e a utilização de recursos pedagógicos.

Na sequência, foram coletados e analisados dados quantitativos referentes às matrículas, evasão e conclusão dos alunos do curso, oferecido pelo IFMT - Campus Confresa com financiamento do programa PRONATEC. Os dados foram extraídos dos registros administrativos do Campus e incluíram o número total de alunos matriculados, taxas de evasão e índices de conclusão.

REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Baldus (1970), os Tapirapés são descendentes da tribo tupi, localizada no Brasil central. A base de sua vida material é sustentada principalmente pela pesca e pela agricultura, complementada pela coleta de frutos selvagens e pela caça. Essas atividades seguem uma rígida divisão sexual do trabalho, onde os homens são responsáveis pela obtenção de alimentos, enquanto as mulheres cuidam das tarefas domésticas, da fabricação de panelas de barro e de atividades relacionadas ao pilão e à fiação. Essa divisão de tarefas gera uma forte interdependência entre os gêneros, o que resulta na marginalização social dos



homens solteiros, que, sem uma parceira, ficam sem acesso a itens essenciais como comida e rede para dormir, dependendo da caridade alheia para sobreviver.

Ramos, Maia e Dutra (2018) descrevem que ao longo do curso Técnico em Agroecologia, várias atividades foram realizadas na aldeia, destacando-se a produção de mudas de espécies florestais nativas para a recuperação de áreas degradadas, bem como a implementação de um Sistema Agroflorestal. Esse sistema não apenas serviu como uma unidade de demonstração para práticas de disciplinas, mas também cultivou espécies nativas de valor alimentar e cultural, como o Urucum e o Genipapo, além de frutas como abacaxi, banana, mamão, murici e outras importantes na dieta do povo. Entre as culturas agrícolas, foram cultivadas diversas variedades de mandioca, milho, abóbora, feijão, dentre outras.

Para a execução do curso Técnico em Agroecologia foi adotado a Pedagogia da Alternância, alternando entre Etapas Intensivas na Escola da aldeia Tapi'itãwa e atividades específicas no Campus Confresa. Cada etapa, com 100 horas de duração, foi dividida em 80 horas de estudo intensivo e 20 horas de prática orientada. As Etapas de Prática Orientada envolveram estudo e experimentação nas diversas aldeias, com acompanhamento dos docentes e equipe multidisciplinar. O curso, com dois anos de duração, ocorreu de abril de 2014 a abril de 2017, oferecendo uma formação prática e teórica integrada (IFMT, 2013).

Além disso, o curso foi estruturado para integrar um vasto conhecimento ecológico local, coletivo e holístico, baseado em princípios como o diálogo de saberes, a educação ambiental, a interdisciplinaridade e a complexidade. Esses princípios visam promover a integração entre saberes tradicionais e formais, estimulando uma abordagem crítica da realidade socioambiental e enfatizando a interconexão das diversas dimensões da vida. O método avaliativo do curso é essencialmente descritivo e contínuo, incluindo a participação individual e coletiva dos alunos, além de autoavaliações mútuas. Alinhado com os padrões culturais da comunidade Apyãwa, que valoriza a paciência e a persuasão, o curso não adota reprovações, considerando a avaliação como um processo diagnóstico que permite ajustes na metodologia de ensino (IFMT, 2013).

Segundo Gehlen, Hammel e Finatto (2023) a Educação do Campo em regime de alternância promove a inclusão e conclusão do ensino superior por populações vulneráveis, como indígenas e quilombolas, facilitando a integração entre estudos universitários e períodos na comunidade. Originada no Brasil em 1969 com escolas familiares agrícolas, a Pedagogia da Alternância ajuda a superar barreiras de transporte e adaptação urbana, mantendo os estudantes próximos de suas comunidades.



Desde a Primeira Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo em 1998, entidades como CNBB, UnB, Unicef, MST e Unesco têm impulsionado programas e políticas para a Educação do Campo. A Pedagogia da Alternância, além de aumentar o número de estudantes indígenas, enfrenta o desafio de oferecer uma formação crítica e contextualizada, capacitando os graduados a atuarem como professores e gestores em escolas indígenas, integrando o ensino com as realidades de seus territórios (Gehlen, Hammel e Finatto, 2023).

De acordo com Hage, Antunes-Rocha e Michelotti (2021), a formação em alternância organiza o trabalho pedagógico em tempos e espaços diferenciados, integrando a Educação do Campo com uma abordagem única. Este método reconhece que diversos tempos, espaços e saberes são educativos e contribuem para a formação dos sujeitos do campo, provocando mudanças significativas na dinâmica dos processos educativos, na organização do trabalho dos educadores e no planejamento curricular. A formação em alternância expande o território formativo ao integrar práticas culturais e a vida cotidiana dos estudantes, alternando entre "tempo escola/universidade" e "tempo comunidade", o que promove uma relação inovadora entre teoria e prática. Além disso, investiga as problemáticas do campo de maneira temática e interdisciplinar, fortalecendo o diálogo entre o conhecimento acadêmico e as experiências dos educandos (Hage, Antunes-Rocha e Michelotti, 2021).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os indicadores da Plataforma Nilo Peçanha (Brasil, 2024), a taxa de evasão no IFMT Campus Confresa, considerando os cursos de nível médio, superior e pós-graduação, foi de 19,85% em 2017, ano que o curso Técnico em Agroecologia foi concluído. Em 2022, houve um aumento expressivo, atingindo 28,73%, seguido por uma redução em 2023 para 18,69%. No entanto, apesar da diminuição na evasão, a eficiência acadêmica permaneceu em um nível alarmantemente baixo, alcançando apenas 56,28% em 2023. Esses dados indicam que, embora tenha havido melhorias na retenção de estudantes, o Campus ainda enfrenta desafios significativos para garantir o sucesso acadêmico e a conclusão dos cursos pelos alunos.

O curso Técnico em Agroecologia, iniciado em julho de 2014, foi finalizado no mês de abril de 2017. Ramos (et. al., 2018) destaca a relevância dessa experiência, que além de fortalecer o acesso à educação e tecnologias pelas comunidades indígenas e tradicionais, também pode promover uma troca de saberes agroecológicos significativa. As atividades



realizadas dentro e fora da sala de aula proporcionaram um ambiente propício para o aprendizado e a discussão, enriquecendo o processo educacional com a participação ativa dos alunos.

Ao analisar os dados referentes às matrículas do curso, todos(as) pertencentes à etnia Tapirapé, observa-se a seguinte distribuição por faixa etária e gênero: há 15 estudantes na faixa etária de 18 a 21 anos, sendo 12 homens e 3 mulheres; 20 estudantes na faixa etária de 22 a 27 anos, dos quais 13 são homens e 7 são mulheres; 3 estudantes na faixa etária de 28 a 31 anos, com 1 homem e 2 mulheres; e 2 estudantes na faixa etária de 32 a 36 anos, ambos do sexo masculino.

No total, o curso contou com 28 estudantes do sexo masculino e 12 do sexo feminino, totalizando 40 discentes matriculados. Desses, 36 foram formados, resultando em um índice de 90% de êxito. Esses dados fornecem uma visão clara da composição dos estudantes e são úteis para compreender melhor o perfil dos participantes, além de avaliar os resultados alcançados pelo curso.

Ao concluir o curso, os estudantes organizaram uma exposição para a comunidade indígena e posteriormente um evento, “I Mostra de Trabalhos Indígenas do curso Técnico em Agroecologia do IFMT Campus Confresa”, onde realizaram diversas exposições de trabalhos desenvolvidos ao longo do curso em formato de banners, cartazes e desenhos. Esses novos Técnicos em Agroecologia retornaram às suas aldeias levando novos conceitos de produção e manipulação de alimentos, além de revisitar suas origens, costumes e tradições (Dutra, et. al. 2018).

Dutra apresenta relatos de egressos do curso, como o Técnico em Agroecologia Edilson Tapirapé.

“O curso proporcionou maior conhecimento sobre muitas coisas, e a vontade de realizar e reproduzir muitas técnicas como por exemplo o Sistema Agroflorestal, que é bonito”.

“o curso foi muito bom por ter mostrado novas formas de plantio e cultivo que vão levar para toda a vida, ajudando a reduzir a comida vinda da cidade e buscando resgatar os alimentos tradicionais do povo Apyãwa!” (DUTRA, et. al., 2018, p. 23)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso Técnico em Agroecologia oferecido pelo IFMT Campus Confresa na aldeia Tapi'tãwa alcançou seus objetivos ao formar profissionais competentes para a comunidade Apyãwa, com uma elevada taxa de conclusão, atingindo 90% de eficiência acadêmica. O uso



da metodologia da pedagogia da alternância, que integra períodos de estudo na aldeia com atividades práticas, e a abordagem de avaliação participativa foram fundamentais para criar um ambiente de aprendizado eficaz e colaborativo. Esses elementos contribuíram para um sucesso significativo, capacitando os alunos a desenvolver projetos que promovem a sustentabilidade econômica, social, cultural e ambiental.

Essas experiências oferecem lições valiosas que podem ser aplicadas em cursos com altas taxas de evasão. A integração do ambiente de aprendizado com a realidade dos estudantes, o respeito pelas práticas culturais e a metodologia de avaliação adaptada são estratégias que podem ajudar a reduzir a evasão e melhorar a retenção em outros contextos educacionais. Adaptar essas práticas bem-sucedidas pode contribuir para criar ambientes de aprendizado mais inclusivos e eficazes, beneficiando diretamente a formação e a permanência dos alunos em cursos com desafios semelhantes.

Palavras-chave: Etnia Tapirapé, PRONATEC, Pedagogia da Alternância.

AGRADECIMENTOS

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – IFMT Campus Confresa; A Universidade Federal de Goiás - UFG.

REFERÊNCIAS

BALDUS, H. **Tapirapé: Tribo Tupi no Brasil Central**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.

BRASIL. **Indicadores de Gestão**. Plataforma Nilo Peçanha. Brasília, DF, 2023. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiaZDhkNGNiYzgtMjQ0My00OGVILWJjNzYtZWQwYjI2OThhYWMIiwiwidCI6IjllNjgyMzU5LWQxMjgtNGVkYi1iYjU4LTgyYjJhMTUzNDBmZiJ9>. Acesso em: 28 set. 2024.

DUTRA, M. M.; LEÃO, M. F.; RAMOS, P. R.; LOPES, T. B.. Reflexões teóricas e descrição da proposta de registro de memórias culturais dos Tapirapés. *In*: PAULA, Willian Silva de; MAIA, Gislane Aparecida Moreira (orgs.). **Narrativas do povo Apyãwa: aspectos históricos, culturais e memória**. 1. ed. Uberlândia, MG: Edibrás, 2018. p. s. [s. n.] 172 p.; il. ISBN 978-85-67803-62-3.

GEHLEN, M. E.; HAMMEL, A. C.; FINATTO, R. A.. A formação de professores indígenas: a pedagogia da alternância atuando no Paraná. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 31, n.



2, p. 40-54, mai./ago. 2023. DOI: 10.17058/rea.v31i2.17499. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index>. Acesso em: 01 ago. 2024.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

HAGE, S. M.; ANTUNES-ROCHA, M. I.; MICHELOTTI, F.. Formação em alternância. In: DIAS, A. P.; STAUFFER, A. B.; MOURA, L. H. G.; VARGAS, M. C. (orgs.). **Dicionário de agroecologia e educação**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2021. p. 429-437. 816 p.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO – IFMT. **Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Agroecologia Subsequente/PRONATEC**. Confresa, 2013.

RAMOS, P. R.; MAIA, G. A. M.; DUTRA, M. M. Implantação do Curso Técnico Subsequente em Agroecologia na aldeia Urubu Branco, etnia Tapirapé em Confresa-MT. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, jul. 2018. Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF. ISSN 2236-7934.